

# 'Uma transição de governo civilizada'

Ministro Pedro Parente diz que sucessor não vai encontrar as gavetas vazias

## ENTREVISTA

### Pedro Parente

• Os integrantes da próxima equipe de governo não vão encontrar as gavetas vazias, promete o ministro-chefe da Casa Civil, Pedro Parente. Ele afirma que está trabalhando com afinco para garantir que a transição do governo Fernando Henrique Cardoso para o seu sucessor seja a menos traumática possível. Mesmo a poucos meses de acabar o atual mandato, Parente afirma que o governo vai trabalhar até o dia 31 de dezembro. Segundo ele, o tom da transição é a cidadania.

BRASÍLIA

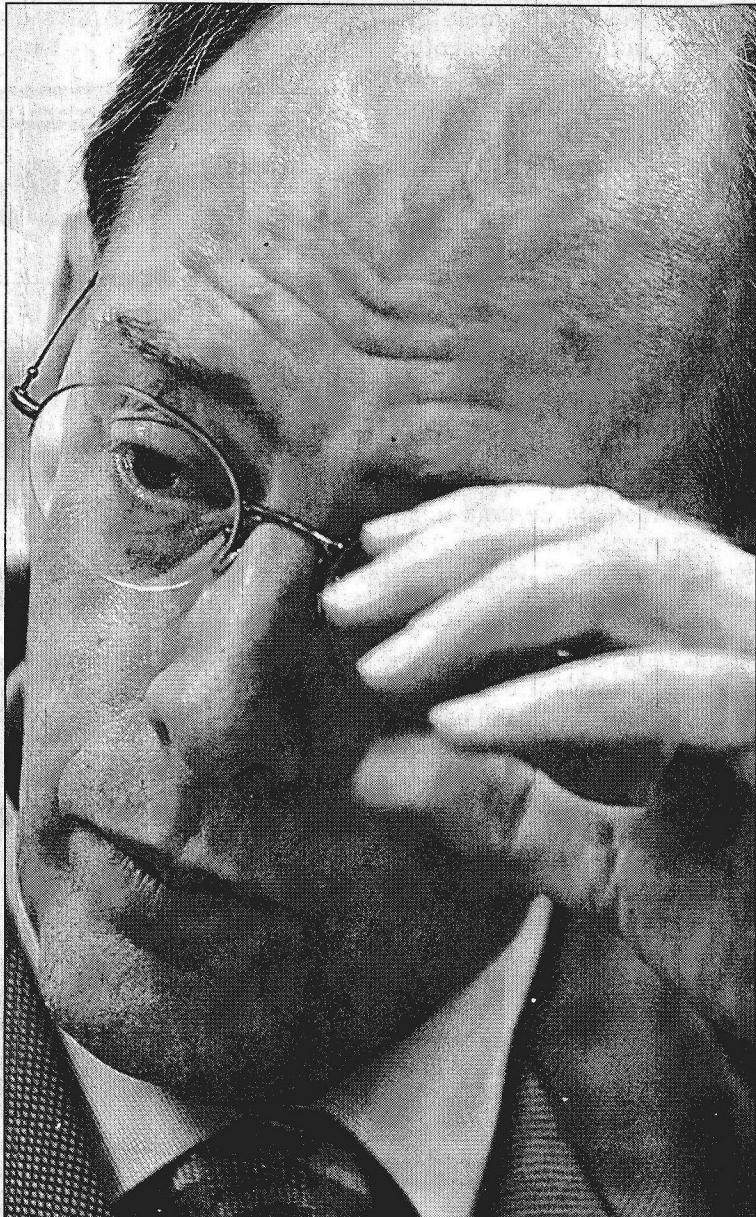
**O GLOBO:** O Congresso vai estar de recesso no dia 1º de janeiro, quando toma posse o sucessor. Como resolver problemas complicados como a sabatina da diretoria do Banco Central?

**PEDRO PARENTE:** No dia 1º de janeiro não tem Senado funcionando. Você pode até aprovar a diretoria e nomear depois. A praxe é que uma vez aprovada a indicação, o presidente nomeie a diretoria imediatamente. Mas Fernando Henrique pode perfeitamente atender a um pedido do sucessor indicando o presidente do Banco Central. Eu digo com toda a tranquilidade: conhecendo o presidente, o seu modo de trabalhar, ele vai naturalmente fazer isso como um ato cooperativo. Agora, é uma questão de consciência, de pensar no país e fazer uma transição de forma civilizada.

• O tempo está acabando e o governo não conseguiu aprovar muitos projetos de seu interesse.

**PARENTE:** Nós gostaríamos de ver o Artigo 192 (da Constituição) aprovado, porque achamos importante para o país. Já nos comprometemos a não mandar nenhum projeto adicional ao Congresso Nacional sobre a reforma do sistema financeiro, se o 192 for aprovado. A menos que seja uma discussão que o PT concorde. Fora isto, para que o projeto seja aprovado ainda este ano, assumimos compromisso de não mandar nenhum projeto regulamentando. Não quer dizer que não consideremos importante dar uma autonomia operacional ao Banco Central para que ele cumpra uma determinação política de governo, que é manter a inflação baixa e garantir o poder de compra da moeda.

Gustavo Miranda



PARENTE: APÓS a eleição, o novo presidente poderá opinar sobre orçamento

• E a minirreforma tributária? O governo realmente jogou a toalha e vai emitir uma medida provisória sobre o assunto?

**PARENTE:** É até importante, para que se possa avaliar os prós e contras da medida, que se conheça a intenção do governo de fazer por medida provisória. Isso vai permitir que as empresas, os contribuintes, se coloquem diante de um fato quase consumado e, a partir daí, avaliem as repercussões. Então essas discussões vão permitir ao governo um sinal para que ele possa tomar suas decisões. De fato, há alguns setores, que possivelmente vão perder mas, ainda assim, o conjunto do país ganha. Então vamos em frente.

• Os recursos para investimentos são cada dia menores...

**PARENTE:** O problema é na vinculação das receitas. Tal é o grau de vinculação que, se nada for feito, pouco restará ao governo federal para investir. E a cada ano aumenta a vinculação. Se olharmos as áreas que não têm vinculação de receitas, veremos as dificuldades que essas áreas estão passando hoje. É o caso das Forças Armadas e da segurança. E vai-se dizer que não são áreas relevantes? São altamente relevantes. Acha que o governo não dá dinheiro para a segurança e Forças Armadas porque não quer? Pelo contrário, ele quer. (Valderez Caetano) ■

• O governo chamou os representantes dos candidatos para discutir o orçamento de 2003. Isso muda alguma coisa?

**PARENTE:** Eles vieram ouvir. Não cabe a eles, por enquanto, dar opinião no orçamento. Aliás, tudo o que aí está pode valer zero. Aquilo que expressa a vontade de um determinado candidato pode valer zero. Aliás, a gente sabe que para três deles vai valer zero depois das eleições. Portanto não pode ser acatada neste primeiro momento nenhuma sugestão. Uma vez concluída a eleição, o eleito terá legitimidade para sugerir mudanças e apresentar propostas.

• Com essa transparéncia, o senhor acha que os candidatos vão criticar menos e fazer propostas mais realistas?

**PARENTE:** Quando se está fora (do governo) é muito bom. Só se fala das vantagens; nunca das desvantagens. Os programas prometem investimentos mas nunca falam que, para você gastar isso ou aquilo, precisa onerar a sociedade. Então quando se senta na cadeira, começa a sentir a responsabilidade de administrar.